PRIVATE

A MAIS COMPLETA REVISTA MASCULINA DO

REVISTA MENSAL
ANO IX - Nº 88

GOSTOSAS

EM POSES EXCITANTES, NOSSAS MODELOS ESTÃO CADA VEZ MAIS SENSUAIS E PROVOCANTES

CORREIO

CENTENAS DE PROPOSTAS ESTÃO À DISPOSIÇÃO DO LEITOR. FAÇA SUA ESCOLHA E DEIXE O RESTO POR CONTA DO AMOR

RELATOS

UMA VIAGEM DE ÔNIBUS PODE TORNAR-SE MUITO INTERESSANTE. VEJA POR QUE, NO "DIÁRIO SEXUAL"

OUSADAS

AS FOTOS DAS LEITORAS ESTÃO DEMAIS! CONFIRA NO "CLOSE" DESTA EDIÇÃO

PROIBIDA À MENORES DE 18 ANOS

...ÇÃO PARA MANAUS, VIA VISTA S/A TAXI AÉREO, RIO BRANCO, JI-PARANÁ E MACAPÁ, ACRESCIMO DE ACRÉSCIMO

PRIVATE

REVISTA MENSAL • ANO IX • Nº 88 • MAIO DE 1992

NESTA EDIÇÃO

Para sua leitura erótica, o "Diário Sexual" começa na página 4. Críticas, idéias etc. podem ser enviadas para a "Tribuna do Leitor" (pág. 17). Para acabar com sua rotina, outras opções para você: "Correio Confidencial" (23) e "Leitores em CLose" (42). Se quiser participar de alguma dessas seções, escreva-nos, mas não esqueça de preencher e enviar junto o "Formulário de Participação do Leitor", publicado na página 21. Tem mais: aquela gostosa que chamou sua atenção, na capa, está totalmente exposta em ensaio que começa na página 38. Para finalizar, outras garotas igualmente excitantes (páginas 33e 74).

EDITORIAL

Estamos no outono, mais precisamente em maio, o mês do amor. Nada melhor que um companheiro(a), para dar mais sentido as nossas vidas. E a Private esta aí justamente para ajudar os leitores. Participem! Agora, um aviso: pedimos encarecidamente que atentem para a nova observação inserida no formulário de participação — A PARTIR DESTA EDIÇÃO, É OBRIGATÓRIO O ENVIO DA XEROX DE LOCAÇÃO DA CAIXA POSTAL DO ANUNCIANTE. Apesar de esta ser uma medida burocrática, acreditamos que o seu emprego resultará em benefício para todos. A mudança nas regras se fez necessária após problema causado pela publicação do anúncio enviado por uma pessoa que se utilizou de caixa postal alheia, sem autorização. Esperamos a compreensão de todos os leitores bem-intencionados.

Galvão Editora e Distribuidora Ltda.

Diretor e Editor Responsável: Pedro Galvão Moreira. **Diretor de Redação e Produção:** Moacir Machado. **Diretora de Arte:** Silvia Ribas. **Assistente de Arte:** Fábio R. Moreira. **Redatora:** Ivonete Nascimento. **Revisor:** Roberto Zoccola. **Fotografias:** Real Press International. **Composição de Textos:** Studio Private. **Fotolito:** Yanguer. **Distribuição exclusiva para todo o País:** Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. - Rua Teodoro da Silva, 907 - Fone: 577-6655 - Rio de Janeiro - RJ. **Private** é uma publicação mensal da Galvão Editora e Distribuidora Ltda. Redação, administração, publicidade e correspondência: Rua Guilherme Maw 86 - Luz - São Paulo - CEP 01105 - Telefone 228-4618. Registro nº 4.014, de 21/01/85, no 5º Cartório de Registro de Títulos e Documentos, de acordo com a Lei de Imprensa. Os textos e fotos enviados pelos leitores são de sua inteira responsabilidade.

A VIAGEM DO PRAZER

Resolvi contar minha experiência aos amigos e amigas da revista Private. Os maridos precisam entender que nós, mulheres, temos tesão e gostamos de sexo, tal como eles. E que eles devem abrir suas cabecinhas, para não serem cornos enganados.

Sou casada, 41 anos, quatro filhos, carioca, tipo mignon, dona-de-casa e ex-submissa ao marido. Fomos transferidos de nossa cidade, pela firma em que ele trabalha, para a região de Angra dos Reis. O local é fechado, cheio de preconceitos e muita fofoca.

Meu marido não me deixa ir nem ao Rio sozinha; acha que não fica bem. Apesar de ele relutar muito, a oportunidade surgiu quando meu irmão e sua família foram passar alguns dias lá em casa e levaram para São Paulo um de nossos filhos. Combinamos, então, de eu ir apanhá-lo, de ônibus. Só em pensar que iria sozinha já fiquei excitada. Por imposição de meu marido, tive de ir vestida de calça jeans.

Assim que o ônibus saiu da rodoviária, entrei no toalete e vesti uma bermuda bem curtinha. Senti que fiquei tesuda, com minhas coxas e os cabelinhos, dourados pelo sol da praia, à mostra (acho que sou exibicionista enrustida).

Em Parati, o ônibus fez sua primeira parada. Entraram três gatos, rapazes entre 20 e 25 anos. Estava sentada no último banco. Um deles, parecendo ser o mais velho, sentou-se ao meu lado. Os outros dois, no banco da direita. Alberto, esse era o seu nome, puxou conversa. Correspondi e, dali a pouco, estávamos nos beijando e nos amassando. Tão carente de sexo eu estava, que fui tirando logo seu pau para fora e caí de boca. Ele tirou minha bermuda e a calcinha, começando a tocar no meu clitóris, bolinando-me de maneira gostosa. Eu chupava seu saco, seu ânus, e ele gemia de prazer. Aquele pau maravilhoso deixou-me doida, e tive meu primeiro orgasmo. Alberto não se conteve e gozou em minha boca. Engoli sua porra toda e, com carinho, limpei seu cacete com a língua. Que delícia!

Logo veio a segunda parada, em Ubatuba. Enquanto tomava um refrigerante, notei que os três rapazes e mais um homem de 45 anos conversavam. Fiquei imaginando o que iria acontecer. Entrei no ônibus, já tesuda, e não deu outra. Luís, um dos rapazes, sentou ao meu lado. Sem muita conversa, tirou meus seios para fora e começou a chupar. Fiquei arrepiada. Peguei seu pau e iniciei uma punheta. Logo pediu para foder minha xoxota. Mais uma vez sem bermuda, fiquei de lado, bem virada, deixando minha boceta à mostra. Eu parecia uma cadela no cio, pronta para receber o macho. Quando aquele cacete entrou, coisa rara nos últimos tempos, gozei muito, chegando às nuvens.

Luís beijava-me, mordia minhas orelhas, falava sacanagens baixinho, chamando-me de: "Putinha, cadela, seu marido é corno..." Só parou quando inundou minha xoxota com sua porra. Beijei sua boca e limpei seu pau com a língua. Levantei e fui à toalete, para fazer a higiene.

A terceira parada foi em Caraguatatuba. Tomei um lanche sozinha e vi os quatro homens conversando. Voltei ao ônibus e lá estava o terceiro rapaz, o Carlos. Foi logo perguntando se eu dava o cuzinho. Desde o tempo de noivado que meu marido não comia meu anel do prazer. Ele diz que mulher direita não faz isso. Falei para o rapaz: "Cu não se pede, se conquista". Ele entendeu, tirou minha bermuda e, de joelhos, enfiou sua língua na minha prexeca e em

meu cuzinho. Fiquei alucinada e arrepiada da cabeça aos pés. Passei das nuvens. Carlos, com jeito, começou a dilatar meu orifício, enfiando um dedo e, depois, dois. Quando senti que já estava preparada, pedi para ele sentar na poltrona, e eu, por cima, fui sentando devagarinho em seu caralho. No início doeu um pouco, mas Carlos tocava uma siririca em meu grelo, e eu estava louca. De repente, senti seu pau todo no meu cu e seu saco tocar minha bunda. Tudo lá, dentro de um cuzinho semivirgem, que meu marido respeitava tanto. Não agüentei e gozei pela terceira vez, ao sentir sua porra dentro de mim. Estava esgotada.

Fui ao toalete lavar-me novamente. Ao voltar, que surpresa agradável: lá estava, esperando-me, o homem de 45 anos, o Sérgio. Cabelos grisalhos, queimado de praia e físico bonito. Disse que morava em São Paulo, estava voltando de férias com seu filho de 14 anos. Falou que os dois tinham visto toda a sacanagem e que eu era uma mulher gostosa e tesuda. Ele pediu que eu iniciasse seu filho sexualmente. O menino tinha a idade de um dos meus filhos. Mas o charme, a gentileza e o carinho do pai do garoto deixaram-me sensibilizada e com tesão.

Sérgio tirou minha roupa e começou a dar-me um banho de gato. Como ele chupava bem! Minha boceta latejava. Enfiava seu dedo no meu cu e, com a mão, brincava com meus peitos. Beijava minha boca, quase me sufocando. Mordia meu clitóris. Que homem! Era mais calmo do que os

rapazes, mais experiente. Eu estava a mil. Sérgio colocou-me bem inclinada na poltrona, introduzindo seu pau ora na minha xoxota ora em meu cuzinho. Eu já estava atingindo o quarto orgasmo e implorava para que derramasse sua porra em minha xoxota. Queria gozar junto com ele. Soltei um gritinho e gozamos deliciosamente. Beijou-me e pediu que iniciasse seu filho.

Fui lavar-me e, ao sair, encontrei o menino Tiago, sentado. Comecei a conversar com ele sobre suas férias. Ele estava nervoso. Coloquei minha mão em seu peruzinho, encontrando-o duro. Bem safadinho! Ao nos aproximarmos de Paraibuna, a quarta parada, eu disse que voltasse a sentar ao meu lado, que iria lhe fazer um homenzinho. Ele agradeceu, chamando-me de tia. Quase respondi: "Tia, sim, porém bem puta..."

Na parada, aproximou-se o motorista, mulato gostoso, dizendo que a movimentação atrás do ônibus estava intensa e que a razão deveria ser eu. Perguntou-me se eu não gostaria de ficar com o número do seu telefone. Sorri e peguei o papelzinho. Seria outro macho?! Ao entrar no ônibus, o menino já estava lá. Puxei sua camiseta, chupei e mordi seus peitinhos intumescidos, desci a língua até o umbigo, chegando ao pinto. Chupava bem devagar. Depois coloquei sua mão nos meus seios. Tiago vibrava. Dei meus peitos para ele chupar. Ensinava como professora. Conduzi sua mão para minha vagina, meu grelo e meu cuzinho. Queria que ele explorasse tudo.

Fiquei, parece incrível, tesuda, pensando no meu filho da idade de Tiago. Era como se fosse um incesto. Tiago já estava a ponto de gozar. Parei a punhetinha, virei de lado e dei minha boceta para seu pinto penetrar. Seu peru saía algumas vezes e eu voltava a colocá-lo, até que Tiago gozou e me fez ter o quinto orgasmo. Limpei seu pinto, chupando-o. Beijei sua boquinha e perguntei se havia gostado. Ele sorriu e disse esperar que houvesse a segunda vez com a tia gostosa. Com a minha chana e o cuzinho, de tão desacostumados que estavam, ardendo, fui ao banheiro, torcendo para não ter mais ninguém na minha poltrona. Estava esgotada, saciada, porém feliz por ter fodido e feito a realização de todos.

Raramente, meu marido quer transar comigo e, quando o faz, é só papai-e-mamãe. Já estávamos quase chegando, quando levantei e dei um chupão em cada um, até no menino, e deixei que me esfregassem. Quase pensei que iria começar tudo de novo. Troquei minha bermuda pela calça jeans, coloquei o sutiã e já estava novamente vestida de mulher comportada, direita e acomodada.

Este é o exemplo que deixo para os maridos metidos a macho e donos das mulheres, que acham que só eles podem ler a Private (torço para o meu corno ler este relato), que só eles têm o direito de foder fora de casa, não permitindo que suas esposas sejam liberais, aqueles que acham que suas mulheres já não despertam tesão.

Aos homens e ao menino que proporcionaram minha realização sexual, digo muito obrigada e mando um grande beijo. Ao Aloísio (motorista), peço que me aguarde para um futuro próximo, quando iremos transar gostoso.

Solange, Angra dos Reis, RJ.

MINHA DOCE NISSEI

Chovia muito quando, apressado e precisando de dinheiro, dirigi-me a um caixa eletrônico, desses que funcionam durante as 24 horas do dia. Como eu não tinha guarda-chuva, tomei um banho, apesar de haver estacionado o carro bem em frente. Percebi que a cabina estava ocupada. Na rua, não havia viva alma. O relógio marcava 14 horas e 23 minutos. Espera que espera e nada de o caixa ser liberado! Já nervoso, enfiei a cara para dentro e vi que lá estava um casal com feições orientais.

Quando a porta foi aberta, rapidamente pensei em entrar, mas o rapaz me pediu para ajudá-los, pois não eram familiarizados com o equipamento. Notei que sua esposa era linda de morrer. Diante do sorriso da bela mulher, prontifiquei-me a colaborar, com prazer. Ao iniciar a operação, pedi que o homem digitasse seu código secreto, mas ele me deu o número, para que eu mesmo o fizesse. Perguntei a quantia e digitei. Ao apanharem o dinheiro, o cartão e o recibo, agradeceram. Era chegada a minha vez de sacar. Mas, como a chuva aumentara, pediram para aguardar a estiagem dentro da cabina. Concordei e saquei o dinheiro.

Como não havia ninguém à espera e a chuva continuasse, fomos ficando os quatro na cabina. Trocamos olhares e, meio sem jeito, iniciamos uma conversa sem graça. Enquanto, entre eles, falavam em um idioma que imaginava ser japonês, eu não tirava os olhos daquela gostosura, embora estivesse louco de medo de levar uma porrada daquele oriental com cara de campeão de karatê. E foi logo após desculpar-se, educadamente, por falar em outra língua, que o homem disse ter percebido meus olhares para sua esposa. "É agora que levo umas cassetadas", pensei apavorado.

Depois de ficarmos por um minuto em absoluto silêncio, que para mim pareceu um século, o marido sorriu e disse que, se quiséssemos, poderíamos transar ali mesmo ou ir a um motel, pois, apesar de nunca terem saído da rotina, já haviam conversado sobre ménage à trois e swing. Olhei para aquela nissei linda e dei-lhe um beijo ali mesmo. O homem observava, através do vidro da porta, a rua deserta e a forte chuva lá fora. Nosso desejo de transar era imenso. A primeira trepada foi ali mesmo. Aliás, uma delícia!

Do caixa eletrônico resolvemos ir para um motel, onde nossa loucura continuou. A gata nissei era taradíssima, e gozava como louca, sempre pedindo mais. Chupamo-nos e trepamos em várias posições, com muito sexo oral e anal. O japonês estava adorando. Ele queria ver de perto a minha rola entrar na grutinha da esposa. Coloquei-a de quatro e penetrei sua xoxotinha por trás. O marido deitou-se na cama e colocou a cabeça por baixo do corpo da mulher, para ver tudo bem de perto. Ela gritava de tesão; ele, de prazer. Foi muito gozo para um só dia!

Quando soube que eu era vasectomizado há oito anos, a japonesa disse que queria ficar minha amiga, uma vez que não podia tomar pílula e só transava em épocas propícias, como naquele dia, quando a tabelinha lhe dava sinal verde. Hoje somos amigos e nos encontramos regularmente. Só não tivemos, ainda, a oportunidade de sair com outro casal, que é uma curiosidade dela e também um desejo meu. Por isso, gostaria que nos escrevessem, com foto e fone, casais liberais, que queiram nos conhecer ou transar só comigo. Devem ser discretos, sigilosos, saudáveis e não promíscuos.

Jorge, Caixa Postal 45.381, São Paulo, SP, CEP 04092.

PELO CHEIRO

A história que passo a narrar aconteceu em setembro de 1990, graças aos anúncios da Private. Somos um casal jovem, feliz e de mente aberta. Escrevemos para alguns leitores da revista e conhecemos alguns casais com os quais mantivemos um gostoso relacionamento. Vários desses casais terminaram conhecendo-se entre si e, então, resolvemos, juntos, realizar uma festinha. Tudo aconteceu na chácara de um casal amigo. Éramos quatro casais: Sônia e Marcelo, Luísa e Bruno, Fernando e Cláudia e eu e Marilene (todos os nomes são fictícios).

Após alguns drinques e vários jogos eróticos, quando já estávamos mais à vontade, resolvemos fazer uma brincadeira diferente. As mulheres tirariam suas calcinhas e, sem os homens verem, estenderiam-nas no varal. Os homens seriam sorteados e, em seqüência, teriam o direito de escolher uma calcinha. Depois de todas as peças escolhidas, as mulheres revelariam a quem cada uma pertencia e, assim, estariam formados os novos casais para a festa.

Bruno foi o primeiro a ser sorteado, e escolheu uma bela calcinha de renda preta. Fui o segundo e, na minha vez, resolvi cheirar cada calcinha, para fazer a escolha. Fiquei inebriado pelo forte e rançoso cheiro que exalava de uma calcinha lilás, que, por sinal, estava bastante manchada. Não tive dúvida e escolhi aquela. No final, descobri que era a calcinha de Cláudia.

Quando já estávamos juntos, perguntei a Cláudia a que se devia aquele

estranho e maravilhoso cheiro. Meio envergonhada, confessou que, na pressa de sair, acabara vestindo, sem perceber, a calcinha que usara para limpar-se, após ter transado com Fernando. Revelou-me, também, que já se havia limpado com ela na noite anterior.

Fiquei louco de tesão. Cheirei a linda boceta de Cláudia e percebi que estava toda impregnada daquele cheiro divino. Caí de boca. Devorei aquela boceta como quem chupa uma laranja ou come uma melancia. Estava prestes a gozar quando tive uma bela duma idéia. Chamei Fernando e pedi que penetrasse a esposa, enquanto fazíamos um gostoso sessenta-e-nove, com ela por cima de mim.

Enlouqueci: tirava o cacete do marido da boceta da mulher e a chupava; depois chupava também o cacete dele, que metia de novo. Percebi, pelos urros, que Fernando começava a gozar. Então tirei imediatamente sua vara da vagina de Cláudia e o fiz esporrar sobre o meu rosto e sobre a boceta dela. A mulher estava completamente molhada e suguei avidamente aquele delicioso mel que lhe escorria da gruta do amor. Gozei tão intensamente, que quase desmaiei.

No final da festa, pedi e ganhei de presente a calcinha de Cláudia, a qual guardo até hoje, num saco plástico, com todo o carinho. Como o plástico preserva o cheiro, delicio-me, de vez em quando, com o seu perfume inebriante.

Mulheres e casais de todo o Brasil, adoraria receber calcinhas melecadas e cheirosas, para completar minha coleção. De preferência, limpe-se de três a quatro vezes com a mesma calcinha, mantendo-a sempre num saco plástico. Se quiser, pode dar umas duas ou três mijadas na calcinha. Remeta-a para mim, que entrarei em contato com as que me enviarem as mais cheirosas.

Luís, Caixa Postal 99, São Luís, MA, CEP 65000.

DELÍCIA INESQUECÍVEL

A história que vou contar aconteceu comigo há cerca de um ano. Desde aquele dia não parei de desejar que situação semelhante acontecesse, porque, com certeza, posso dizer-lhes que foi uma passagem realmente inesquecível.

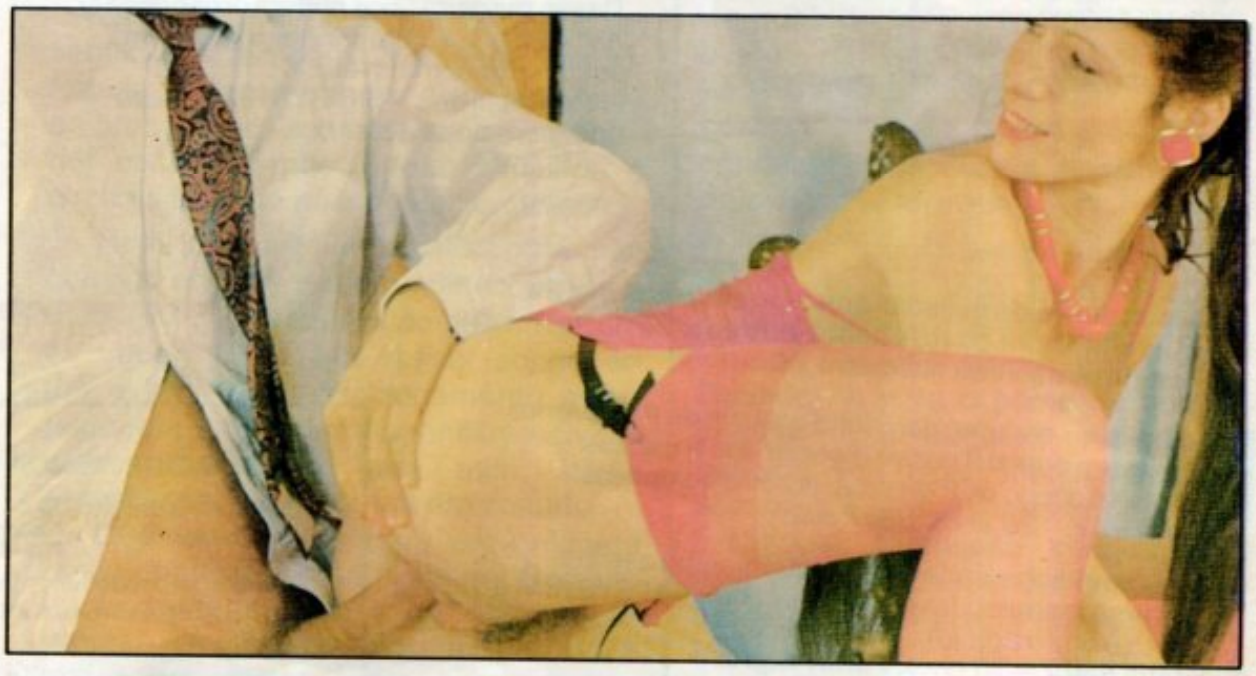
Era festa de fim de ano na empresa em que eu trabalhava. Havia muita alegria, regada a champanha e petiscos. finalmente, consegui chegar mais perto de Juçara, uma simpatia de mulher que trabalhava na secretaria e que sempre me olhava deixando transparecer seu desejo, ao qual eu correspondia. Por azar, algo sempre aparecia para dificultar nosso encontro fora do escritório.

Naquela noite de confraternização, deparei-me com ela no saguão, voltando do toalete. Nossos olhos fixaram-se e foi impossível conter um beijo ardente. Achei delicioso, pois senti sua língua penetrando minha boca e mexendo, como se há muito estivesse ansiando por aquele beijo.

Como estavámos a um canto escondido, pude esfregar meu pênis entre suas pernas. O danado já estava duro, e foi nesse momento que Juçara, abandonando minha boca, sussurrou a meu ouvido que queria toda aquela gostosura que sentia sobre seu vestido.

Juçara era de fato a mulher sensual que há muito tempo eu procurava para ser minha amiga, confidente, amante madura e liberada. Demoramos mais um pouco na festa, olhando-nos de longe, até que saímos de mansinho, para não dar na vista. Fomos para um motel que conheço, lugar maravilhoso, de que gosto muito. Começou ali uma transa que nunca mais em minha vida irei esquecer.

Logo ao entrar no quarto, iniciamos uma sessão de amassos e beijos quentíssimos, que nos fizeram delirar. Coloquei para encher a banheira enorme da suíte, com sais aromáticos. Ao despir minha deusa, pude observar que era muito bonita e com formas muito bem desenhadas. Era do tipo que eu gosto: magra, morena, cabelos



longos, cintura fina, bunda arrebitada e possuía pouquíssimos pêlos na xotinha, que deixavam à mostra seu clitóris mais ou menos avantajado. Os seios grandes e com biquinhos modestos, o 1,60 metro de altura, faziam dela a mulher com quem sempre sonhei.

Ao despir-me, mostrei-lhe meu pênis moreno e grosso. Juçara pegou-o e esfregou-o entre suas pernas, dizendo que iria tratá-lo como nunca alguém havia feito. Entramos na banheira, acariciamo-nos pelo corpo todo e iniciamos as brincadeiras mais gostosas que aprendi até hoje.

Subimos na cama. Coloquei-me deitado com o pau duro para cima, que ela começou a chupar deliciosamente, pois lambia a cabeça e abocanhava-a todinha, sugando com força. Depois de algum tempo, ia enterrando meu cacete em sua boca, até a garganta, e iniciava um movimento de entra-e-sai lento, que me deixava nas nuvens, pois, além de sentir aquela boca quente me sugando com tanta vontade e sentindo tanto tesão, podia ver meu pênis grosso sumir entre seus lábios. Que visão maravilhosa.

Resolvi mostrar-lhe que sou mestre em sexo oral, e pedi que sentasse de cócoras sobre minha boca, pois essa

posição permite que se veja toda a delícia que se quer chupar. Abri com delicadeza suas pernas e o bumbum sobre meu rosto e, lambendo sua xoxota, que já estava molhada, ouvia seus gemidos, que ficavam mais fortes a cada momento.

Eu enfiava a língua todinha dentro dela e começava a mexer em seu interior, feito cobra. Às vezes sugava com força e tocava-lhe o ânus com o dedo ao mesmo tempo. Juçara começou a rebolar em cima de minha boca, dizendo que nunca ninguém havia feito aquilo para ela, não de maneira tão gostosa.

Lambi toda sua bunda e, subindo e descendo a língua pelo rego, chegava até seu cuzinho, que se contraia ao sentir minha língua quente e atrevida; voltava à xotinha e enfiava o dedo em sua bunda, ao mesmo tempo. Aquilo a fez gozar muitas vezes, até o momento em que, abaixando o corpo, começou a chupar meu caralho como louca, sentindo minha língua na boceta e meu dedo em seu cuzinho.

Não dava mais para agüentar aquela brincadeira deliciosa. Apoiei sua bunda e posicionei-a em cima de meu pau duro e pulsante, e vi-o entrar todo dentro de sua xoxota, lenta e totalmente. Cavalgando de costas para mim, proporcionava-me uma visão sensacional do meu pau entrando e saindo. Ela gozava como louca e eu, como tenho ereção realmente prolongada, curtia cada instante daquela transa maravilhosa. Juçara era uma mulher multiorgásmica, e deliciava-se em cima de minha vara. Em determinado momento, levantou, retirando meu pênis, segurou e posicionou-o na entrada de seu cuzinho e foi soltando o corpo lentamente, gemendo, falando que o queria inteiro em sua bunda. Ia largando o corpo, enquanto ele enterrava em seu cuzinho, até quando senti meu saco bater em sua bunda. Ela rebolou bastante, com ele todinho lá dentro, e depois iniciou um senta-levanta que me fez delirar.

Ficamos nessa transa anal por algum tempo, até que não consegui segurar mais e gozamos deliciosamente. Passamos a noite inteira transando, de todo jeito que nossa imaginação inventava, até que adormecemos abraçados.

Durante um bom tempo, todas as semanas saíamos para transar, mas infortunadamente ela foi dispensada da empresa e acabou indo morar no Interior com sua mãe, o que dificultou a continuidade do nosso relacionamento.

Hoje estou muito triste, pois não consigo encontrar uma mulher liberal e completa nos prazeres do sexo. Portanto, você, leitora, que quiser conhecer-me e iniciar um relacionamento amistoso com muitas transas inesquecíveis, como foi aquela para mim, basta escrever-me que entrarei em contato.

Quem sabe serei para você alguém muito especial, como procuro? Sou um rapaz moreno-escuro, de ótima aparência, uso bigode, sou magro, 1,72 metro de altura, ótimo nível, superhigiênico, muito saudável, razoavelmente peludo, charmoso, sigiloso, dotado, e gostaria muito de iniciar com você um relacionamento carinhoso e tesudo, como tive com Juçara. Aceito também casais que queiram uma companhia tesuda para momentos de deleite geral. Sou um homem muito simples e sem frescura. Penso que o fundamental não é a beleza, e sim a vontade de curtir aquilo que é bom.

Guto, Caixa Postal 2.043, São Paulo, SP, CEP 01060.

145 - UM ENCONTRO AO ACASO

Tudo aconteceu quando, naquela manhã ensolarada de terça-feira, resolvi brincar ao telefone. Apesar de não ser gay nem levar jeito pra coisa, resolvi que queria conhecer o cacete de outro macho. Imediatamente peguei o telefone e liguei o número 145, do "Disc-Amizade", serviço telefônico onde se pode falar com várias pessoas ao mesmo tempo. Após alguns minutos de conversa fiada, iniciei gostoso papo com um rapaz chamado Marcelo, e logo percebi o que ele desejava. Disse-me que gostava de transar e possuía uma bela ferramenta de 23 centímetros.

Eu e Marcelo combinamos um encontro, porém, devido à pressa de nossa conversa, esquecemos um detalhe fundamental: nossas descrições físicas. Quando desliguei o telefone, fiquei imaginando como iria encontrar uma pessoa que jamais havia visto. A mesma dificuldade ele teria. Já prevendo que haveria a possibilidade de não ver meu amigo, de qualquer forma fui ao local combinado, na hora marcada. Por ser um lugar bastante movimentado, bem no centro da cidade, minha previsão se confirmara: não havia possibilidade de encontrar Marcelo.

Fiquei algum tempo por ali, andando de um lado para o outro, procurando, e nada... Já desanimado, resolvi voltar para casa. Quando ia para o ponto de ônibus, percebi que alguém me havia seguido. Por coincidência, era uma pessoa a quem já conhecia de vista. Estanquei. O sujeito chegou-se a mim e disse chamar-se Josué, que havia escutado minha conversa com Marcelo, pelo "145", e resolvera entrar de gaiato no nosso encontro.

Para fazer hora, ficamos conversando, até que Josué me convidou para ir ao seu escritório, que, àquela altura, estaria fechado e vazio. Entramos, trancamo-nos lá dentro e começamos um gostoso bate-papo. Foi aí que descobri mais uma incrível coincidência: Josué me contou que era marido de uma ex-professora minha. Disse, ainda, que também me conhecia de vista. E pediu-me sigilo total.

Passado o impacto das coincidências, passamos a falar sobre sexo. Josué, então, sugeriu que tirássemos todas nossas roupas, para ficarmos completamente à vontade. Despi-me e, quando vi meu amigo inteiramente pelado, fiquei hipnotizado pela enorme vara que saía em meio à selva de pêlos negros. Jamais havia visto um cacete como aquele, de 20 centímetros, rosado e macio!

Josué confessou ter ficado com tesão ao saber de meu interesse em conhecer a ferramenta de outro macho e, por essa razão, resolveu ir a minha procura, mesmo não tendo sido convidado. Nessa altura, eu já havia esquecido meu encontro com Marcelo e queria mesmo era divertir-me com aquele macho gostoso a minha frente.

De início, fiquei um tanto tímido, mas logo já estava atracado naquele caralhão delicioso, fazendo chupetinha, tocando punheta, alisando e beijando.

Estava completamente fascinado com aquela atividade, que mal percebi quando meu amigo enfiou seu dedo em meu cuzinho virgem. Senti uma sensação gostosa, e rebolava naquele dedo, sem largar o seu cacete. Fiquei por um bom tempo com minha cabeça entre suas pernas, entretido com aquele cacetão maravilhoso, até que fui solicitado a "sentar na boneca". Ainda não tinha imaginado isso: foder com outro macho. Resisti, mas resolvi ceder mediante uma lubrificação, que deveria ser feita em meu cu e também em sua vara. Disse a ele que ficasse deitado e colocasse a caceta em pé, para que eu pudesse cavalgá-la.

Tentei a primeira penetrada, mas não deu certo, pois senti que o membro estava amolecendo. Para reanimá-lo, chupei-o com carinho e fiz nova tentativa. Nada. Tentamos várias vezes, até que meu amigo revelou-me que, pelo fato de eu ser conhecido de sua família, ficara inibido e nervoso e, com isso, perdera o tesão. Para minha felicidade, não precisei sentar e estava alegre por poder chupar e pegar naquele cacete sem compromisso de dar meu rabinho virgem. Para terminar nosso encontro, decidimos esfregarnos um no outro, pau contra pau, como uma fêmea e seu macho. Abraçamonos, roçamos nossas coxas e nossos cacetes, até que, finalmente, chegamos ao gozo supremo. Aí, dei então minha última chupada.

Saí do escritório de Josué bastante satisfeito. Havia gostado (e como!) de sua vara deliciosa. Depois disso nunca mais vi meu amigo e, já há um ano, nem mesmo suas cartas me chegam às mãos. Acredito que ele tenha sido transferido para outra cidade, conforme já me havia alertado.

Agora, estou curioso para trepar com dois machos bem-dotados, pois ainda tenho meu anelzinho selado. Se você é macho de verdade, possui uma bela ferramenta (com mais de 20 centímetros e cabecinha rosada) e deseja me foder, anuncie na Private com o título "Rasga Selo" e dê todas as suas características. Entrarei em contato imediatamente. Mas, atenção, só aceito machos saudáveis, de excelente nível e boa posição social, sem frescura ou afetação.

Teko, Juiz de Fora, MG.

O DOTADO E O CASAL

O que vou contar aconteceu graças a um anúncio meu publicado na Private. Recebi, como resposta, a carta de um casal — Nani e Vinícius —, que depois se tornou muito especial para mim. São gente finíssima, de nível superior, alta classe, empresários. Ficamos amicíssimos. Todos os meses, eles vêm a São Paulo tratar de negócios, e me procuram. Nessa ocasião, costumamos ir aos melhores motéis, ocupamos suítes de luxo e desfrutamos de outras mordomias. É claro que eles pagam as despesas e eu entro com meu instrumento de prazer: um caralho duro e tesudo, calibre 20cm, cabeçudo, grosso, de ereção prolongada.

Nani é uma tremenda gata, de 22 aninhos, corpo escultural, bronzeada, rosto bem-feito, cabelos à la Simone, um par de seios médios, durinhos, pontas rosadas, barriguinha esguia, umbigo fundo, lábios carnudos, pernas de pêlos dourados, coxas bem torneadas e lisas, bumbum arrebitado, saliente e receptivo, boceta pequena, com poucos pêlos, suculenta, superapertada.

Antes da penetração, dei um banho de gato em Nani, sugando seu grelo com minha língua hábil e aveludada. Enquanto isso, ela chupava o marido. Ficamos assim por uma meia hora e, depois, partimos para um espetacular sessenta-e-nove. (Nani adora que goze em seu rosto, na sua boca, nos seios.) Sentando a bunda em meu rosto, encostou a xota em minha boca e engoliu meu mastro. Chupava Nani na posição de frango-assado, até ela erguer-se. Tornava a lambê-la, de cata-cavaco. Delirando, ela pedia: "Ai, amor, me fode, me come... já não agüento mais!"

Vinícius veio ajudar-nos, abrindo bem a vagina da mulher, para facilitar a penetração de minha chapeleta e fazer com que vibrasse de prazer. Variamos de posição. Adoramos quando Nani fica de cata-cavaco e a agarro com maestria e carinho. Ela aperta o lençol, morde o travesseiro, pendura-se na cabeceira da cama, chupa o marido e, em seguida, faz o mesmo comigo, até eu gozar em sua boca, enquanto Vinícius a penetra. Assim, gozamos os três juntos. A única coisa que Nani faz questão é que eu não ejacule dentro de si, pois não toma anticoncepcional. Seu

marido aprecia muito vê-la gozar em meu caralho e também de me fotografar transando com sua belíssima mulher.

Sou bem-dotado, corpo peludo, moreno-bronzeado, olhos esverdeados, bigode e cabelos pretos enrolados, 38 anos, 1,70m, 60kg, supersadio, higiênico, sem vício (não bebo nem fumo), sigiloso, honesto, franco, simples, respeitador, civilizado, gentil, educado, compreensivo, paciente na penetração, carinhoso. Tudo isso sem envolvimento emocional ou financeiro, drogas, homossexualismo, sadomasoquismo ou aberrações.

Se algum casal tiver vontade de realizar suas fantasias, é só escrever para mim, mencionando fone e enviando foto, se possível. Só proporcionarei prazer a moças, senhoras, casais e noivos que queiram ter um amigo de verdade e viver o mesmo prazer. Responderei a todos. Colecionadores, curiosos e gays, favor não escrever.

Zé Rodriguês, Caixa Postal 60.155, São Paulo, SP, CEP 05096.

OBRIGADO, VIZINHO

O que vou relatar é verídico e aconteceu com minha autorização de marido. Foram situações criadas por minha mulher, que adora tomar banho de sol no quintal que há nos fundos de casa. Temos um vizinho que há muito tempo fica paquerando Suelen. Por causa disso, já tivemos múltiplos gozos, imaginando as mais variadas fantasias com o tal cara.

Certa ocasião, ao dirigir-se a uma banca de revistas, daqui de Campinas, Suelen aceitou pegar carona com o vizinho. Nessa vez, houve apenas um beijo, que deixou minha esposa toda molhadinha. Mais tarde, ao conversarmos, tivemos bons momentos de êxtase.

Passadas algumas semanas, nosso vizinho marcou encontro com Suelen (para conversar, disse ele), quando então os dois acabaram acariciando-se. Por fim, minha querida mulher satisfez-se com uma monumental chupetinha, na qual ele encheu a sua boca de porra. Só de lembrar, em nossos momentos a sós, trepamos durante horas seguidas, com Suelen me agradecendo: "Obrigado, meu corninho, por deixar meu vizinho me curtir e me encher de carinho e muito prazer".

Mas, após o terceiro encontro dos dois, surgiu a tão sonhada hora dos complementos sexuais. Foi em um domingo à tarde. Eles foram para um motel e, entre beijos e carícias, Suelen e o vizinho partiram para um tremendo sessenta-e-nove, no qual, entre suspiros e carinhos, ela gozou em sua boca. Esse era o maior sonho de minha mulher: ser chupada por nosso vizinho, que há muito vinha dizendo: "Vou chupar você todinha! Beber todo o seu leite! Quero você inteirinha! Vou enterrar tudo isto em você, gostosa!"

Após um delicioso banho a dois, meu vizinho foi presenteado com mais uma chupetinha, dessa vez debaixo do chuveiro. Mesmo com toda a rola na boca, Suelen lembrou-se de seu maridinho, que, em casa, ficara imaginando o que estava acontecendo. Ao voltarem para a cama, ele carinhosamente enfiou seu cacete na boceta de Suelen, que não cansava de rebolar e pedir mais e mais, dizendo a todo instante: "Enfia tudo, vizinho, para que meu corninho saiba depois que você me fodeu".

Depois dos carinhos e da fodelança durante horas seguidas, Suelen chegou em casa com os olhinhos brilhando de felicidade e tesão. Mal acabara de relatar o que ocorrera no motel, lá fomos nós para a cama, deliciar-nos com as lembranças do acontecimento, que ela revivia e eu fantasiava.

Algum dia, quero compartilhar um ménage com minha esposa e esse vizinho que tanto a excita, sem que isso precise ser feito às escondidas. Maridos e mulheres, se gostaram deste relato escrevam-me; teremos imenso prazer em contatá-los. Enviem foto e fone.

Suelen/Jones, Caixa Postal 1.147, Campinas, SP, CEP 13001.

MARIDO MANSO II

Para aqueles que não tiveram a oportunidade de ler minha primeira fantasia, digo que ela está na Private nº 65, de junho de 1990. Nela conto a história em que sou o amigo de um casal, vindo do Interior, amizade essa que começou após a publicação de um anúncio meu nesta revista.

Neste relato (o segundo), vou contar-lhes a fantasia em que eu me fazia passar por jardineiro. Um leitor chamado Carlos, respondendo ao meu anúncio, disse em sua carta que seu sonho era ver a esposa sendo possuída por outro macho. Contou que já haviam conversado a respeito, e ela topava, mas somente quando estava com algumas cervejas na cabeça. Depois, continuou ele, sua mulher sempre saía fora.

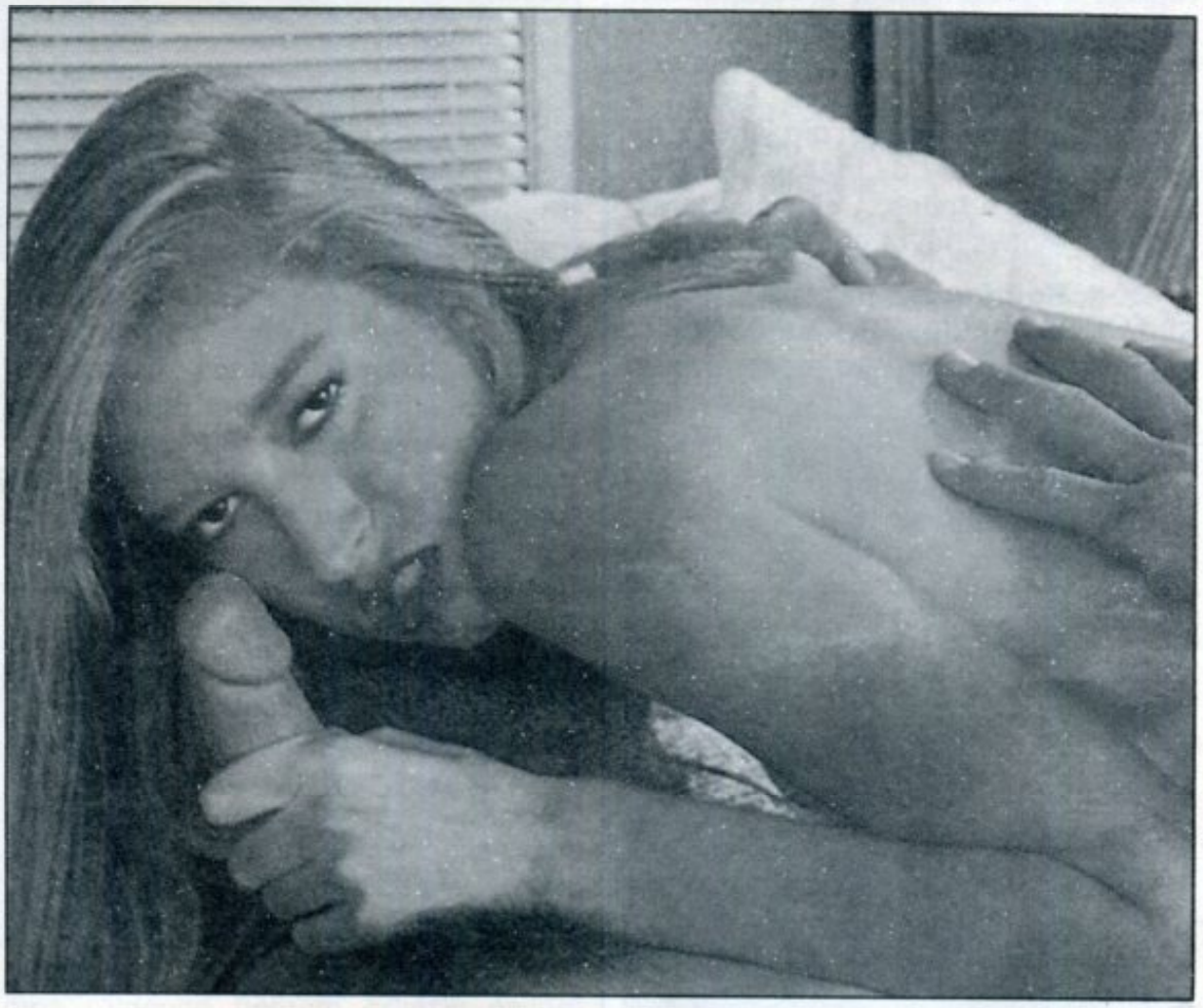
Marcamos encontro em um barzinho, para discutirmos a melhor maneira de a fantasia dar certo. Lá, chegamos à conclusão de que o sítio seria a melhor opção e que eu seria um jardineiro especializado em flores. Nesse momento, Carlos contou que sua esposa, Cláudia, tinha 36 anos, era loira, de coxas grossas, seios pequenos e bumbum empinado. Já fiquei de pau duro só com sua descrição. Combinamos que iríamos para o sítio na sexta à noite e que os caseiros seriam dispensados naquele final de semana.

Como combinado, lá estava eu, às 19 horas, aguardando, na frente do prédio onde o casal morava, com roupas bem discretas, de jardineiro mesmo. Depois de alguns minutos, chegaram os dois. Ela, uma potranca, com minissaia e blusa bem larga, sem sutiã. Meus olhos encheram-se de água, de felicidade. Tudo dependeria de mim, já que o maridão iria facilitar as coisas. Carlos nos apresentou, dizendo que eu era o tal jardineiro, que trabalhava para um cliente seu, tendo sido indicado como bom profissional e de inteira confiança.

No caminho para o sítio, que fica nas proximidades de Pedro Leopoldo, fomos conversando, mas eu sempre na minha, dando uma de tímido. Quando perguntaram minha escolaridade, respondi que havia concluído o segundo grau e que, apesar de ser jardineiro, era uma pessoa atualizada, pois gostava muito de ler. E também para ela ver que eu não era nenhum boboca.

Ao chegarmos ao sítio, depois de 40 minutos de viagem, Carlos levou-me até um quarto nos fundos, desejou-me sorte e disse que tudo corria bem. A casa tinha três quartos, pois eles tinham filhos pequenos, que estavam na casa de parentes. Tomei um bom banho e vesti um short bem apertado e uma camiseta sem mangas. Não coloquei cueca.

Quando cheguei à sala de televisão, lá estava Cláudia, com um pequenino short e uma miniblusa que, de tão reduzida, fazia com que seus peitinhos quase pulassem para fora. O short era tão pequeno que as polpinhas da bundinha ficavam para fora. Fiquei de pau duro na hora.



Quando Cláudia me disse que o marido estava tomando banho e que iria para a cozinha preparar algo, ofereci-me para ajudá-la. Aceitou. Ia pedindo-me os utensílios e eu prontamente atendia com a maior boa vontade. Em determinado momento, ela esbarrou em mim e meu cacete quase pulou para fora do short.

Durante o jantar, Cláudia percebeu que eu não tirava os olhos de cima dela. Já havia sentido que eu estava feito um vulcão, pronto para entrar em erupção. Depois da janta, ficamos assistindo à televisão por um bom tempo. Ela, deitada de bumbum para cima; eu apreciando sua bunda maravilhosa. Através de olhares, Carlos me dava o toque de que tudo corria conforme planejáramos. Otimo!

Naquela noite nada aconteceu. Pelo menos, não para mim! No dia seguinte, Carlos me confidenciou que haviam transado como se estivessem na noite de núpcias. Disse que Cláudia estava com o tesão à flor da pele, e que ela lhe confessara que tinha me achado muito gostoso e notara o grosso volume de meu cacete. Carlos sugeriu à esposa que se fizesse algumas brincadeiras. Ela topou e garantiu que faria tudo para me provocar. Na realidade, gostava muito de chamar a atenção.

Tomei café com aquela mulher sensacional, toda alegre e feliz, dizendo que estava um dia muito bonito e coisa e tal. Vestia camisola com um roble por cima, o que não me permitia ver muito além disso. Mas a visão daqueles trajes íntimos já me deixou com o maior tesão.

Em determinado momento, notei que Cláudia olhava o volume do meu cacete por sob a calça, e, quando viu que eu percebera, ficou toda desconcertada. Sentindo que tudo corria bem, peguei as ferramentas e fui para perto da piscina, pois tinha certeza de que era para lá que ela iria.

Eu não estava errado: logo Cláudia apareceu em um minúsculo biquíni verde e deitou-se com a bunda para cima. Continuei fingindo que trabalhava. Com o passar das horas, estava

todo suado e tirei a camiseta. Assim que ela me viu com o peito nu, aproximou-se e ficou observando. Disse que eu trabalhava bem, que minha pele brilhava pelas gotas do suor. Enquanto isso, Carlos, deitado, fazia de conta que lia um livro, à beira da piscina.

Quando disse a Cláudia que estava com sede, ela convidou-me para irmos à cozinha, pois iria preparar um suco de frutas bem gelado. Já íamos saindo de volta quando ela, simulando um escorregão, mentiu que havia torcido o pé. Prontifiquei-me a ajudá-la, mas, fingindo que não conseguia firmar o pé no chão, pediu-me que a levasse para o quarto. Carreguei-a, coloquei-a na cama e comecei a fazer uma massagem em seu pé. Olhando-me de um jeito bem provocante, pediu-me para chamar seu marido.

Quando Carlos entrou no quarto, Cláudia pediu-lhe que fosse até a cidade comprar um creme antiinflamatório. E lá se foi ele. Eu sentia que era tudo armação dela, mas deixava a coisa fluir normalmente.

De repente, Cláudia me solicitou que a ajudasse a chegar até o banheiro, pois queria tomar banho. Carreguei-a. Seu biquíni estava quase pulando para fora de seu belo corpo. Ela quis que eu ficasse ali, porque tinha medo de cair dentro do boxe. Ligou o chuveiro. Através do vidro fumê, vi-a tirar as duas minúsculas peças, que me entregou por cima. Comecei a chupar aquelas maravilhas. Eu já não estava mais agüentando fazer o jogo de Cláudia. Meu esperma já subia para a cabeça. Ela ali, peladinha, dentro do boxe, passando sabonete por todo o corpo. Bem que poderia ser a minha língua!

Depois do banho, que visão celestial! Cláudia me apareceu de cabelos molhados e enrolada na toalha. Ordenou-me que a colocasse na cama. Obedeci. Depois perguntou se eu poderia fazer massagem em suas costas. De imediato aceitei. Quando virou de bruço e comecei a massagear-lhe as costas, devagarinho, Cláudia foi puxando a toalha lentamente, já gemendo de tesão. Até que, tirando toda a toalha, disse, com voz melosa: "Me chupa, macho gostoso!"

Comecei a chupar aquele traseiro maravilhoso. Cláudia suspirava. Depois virou-se de frente e, vendo aquele par de seios durinhos, passei a chupá-los.

Quando olhei para sua xoxota, tive a maior surpresa: estava totalmente depilada, como eu gosto. Chupei sua grutinha até minha língua doer. Ela gozava e gritava o nome de Carlos. Foi quando olhei para a porta do quarto, e lá estava ele, peladão e masturbando-se, enquanto assistia à sua mulher chupar o meu cacete como se fosse um sorvete. Depois Cláudia pediu-me que a penetrasse, e que seu marido lhe desse o que chupar.

Depois desse gostoso ménage, Cláudia confessou que tinha esta fantasia: um macho lhe comendo, enquanto ela chupava a pica de outro. Carlos também lhe contou a sua. Ela adorou e ficou superfeliz com o presente ele lhe havia oferecido. Depois contou ao marido que queria perder a virgindade do cuzinho em sua homenagem. E gostou tanto que, no dia seguinte, repetiu a dose. Ainda hoje, quando saímos os três juntos, Cláudia faz questão de me dar o traseiro, e continua dizendo sempre que é em homenagem ao maridão.

Mantemos uma grande amizade, eu, Cláudia e Carlos, e continuamos fazemos brincadeiras mil, no sítio, na casa deles, dentro do carro, no cinema, barzinho... Somos admiradores do exibicionismo.

Se você, leitor, quer fazer uma surpresa para sua mulher, escreva-me.

Jr., Caixa Postal 1.875, Belo Horizonte, MG, CEP 30161.

A DELÍCIA DO MÉNAGE

O que se passou comigo e agora passo aos leitores mudou totalmente minha vida, para melhor. Sou casada há cinco anos e, de um ano para cá, eu e Luís, meu marido, começamos a nos desentender por qualquer motivo. Estava até decidida a uma separação, mesmo amando-o muito. Numa última tentativa de salvar meu casamento, resolvi pedir conselhos a uma amiga. E tive uma surpresa. Confessou-me que era leitora da Private e que possuía uma coleção da revista, que, segundo ela, havia contribuído para seu casamento melhorar, dentre outros aspectos, sentimental e sexualmente.

Minha amiga contou que, agora, ela e o marido eram liberais, praticavam o sexo a três ou a quatro. Aquilo me interessou muito, pois sempre tive a fantasia de participar de ménage e swing. Então resolvi levar algumas Private de sua coleção para ler com calma, em casa.

No dia seguinte, estava lendo os relatos distraída, quando fui pega em flagrante por meu marido. Pensei que ele ia ficar furioso, mas, para minha surpresa, contou-me que também tinha alguns exemplares da revista no serviço, e que adorava ler os relatos, anúncios etc.

À noite, quando fomos deitar, Luís me perguntou se eu havia gostado da revista e o que pensava sobre os anúncios publicados. Respondi que achava uma coisa normal o sexo liberal entre pessoas que se amam, uma vez que o amor é real, não acaba. Foi aí que, à queima-roupa, ele me disse que, se eu topasse participar de um ménage, arrumaria tudo numa boa.

Fiquei meio tonta com a pergunta, mas o tesão falou mais alto e respondi que topaaria. E assim foi feito. Luís entrou em contato com César, um morenão de 1,80m, com um pênis de 20cm, e marcou encontro em um barzinho aqui em Nova Iguaçu. Quando lá chegamos, o rapaz já nos aguardava. Depois de batermos um longo papo, entre uma cerveja e outra, dei o sinal verde a meu marido, através de um gesto, como havia combinado com ele, caso aprovasse o "material". Luís convidou aquele tesão de homem para ir até nossa casa, que não ficava muito longe dali.

Quando chegamos, meu marido deixou-nos à vontade; apenas pediu-me para não decepcioná-lo, pois ficaria assistindo. César não perdeu tempo, agarrou-me pela cintura, tirou minha blusa e a saia, começou a beijar meu pescoço, chupou meus seios até não agüentar mais, deitou-me no sofá da sala e arrancou minha calcinha com os dentes, caindo de boca em minha xoxotinha, que já estava toda melada.

Ah, que delícia, nunca havia sido lambida com tanto carinho! O taradão chupou-me tanto, que gozei várias vezes. Depois colocou seu cacetão em minha boca e retribuí com a mais bela mamada que ele já teve. Meu marido não agüentou ficar só assistindo e veio foder-me, enquanto eu lambia aquele mastro gostoso. E assim gozamos os três juntinhos.

Depois de um demorado banho, fomos para a cama. César colocou aquele cacetão lindo dentro de mim e Luís atolou minha boca com o seu. Gozei mais e mais. Em determinado momento, o rapaz deitou-se para que eu o cavalgasse, enquanto Luís, com muito carinho, me enrabou centímetro por centímetro, até atolar todo o seu gostoso cacete dentro do meu delicado cuzinho. Assim gozamos novamente, até não agüentarmos mais. Não imaginava que uma transa desse tipo seria tão boa para o nosso relacionamento conjugal. Tudo mudou para melhor. Até hoje, sempre que podemos e queremos, convidamos César para uma maravilhosa noitada a três.

Aqui vai um recado para os casais que ainda não tiveram a oportunidade de curtir um ménage: se vocês curtem essa fantasia, ponham-na em prática, pelo menos uma vez, pois só participando é que se tem idéia do que é ser liberal. Tenho certeza de que não se arrependerão nunca. É supermaravilhoso! Nosso relacionamento fica mais sólido e tesudo.

Cláudia e Luís, Nova Iguaçu, RJ.

MILLA
ESTA GAROTA DESPE-SE LENTAMENTE, SEM PUDOR, NUM JOGO PARA ESTIMULAR NOSSAS FANTASIAS E REVELAR TODO O ESPLENDOR DE SUAS FORMAS PERFEITAS

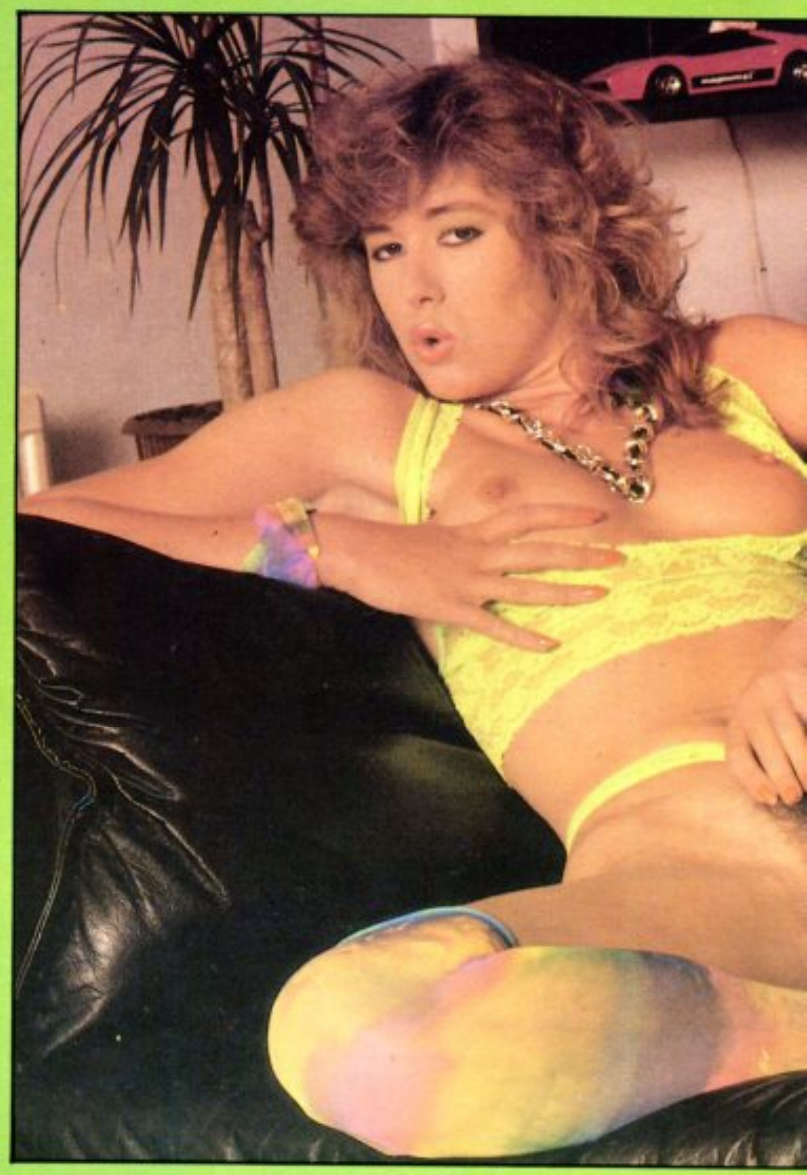
Johnson's
baby
oil

johnson's
baby
oil

TRACY

NUMA HOMENAGEM À ECO 92, APRESENTAMOS
ESTA GOSTOSÍSSIMA AMANTE DA NATUREZA.
SUA MAIOR CURTIÇÃO SÃO OS ANIMAIS, O VERDE
DAS SELVAS E, PRINCIPALMENTE, AMAR AO AR LIVRE

OS
ERDE
AR LIVRE



CLÁUDIA

PARA O DELEITE DOS LEITORES, ESCOLHEMOS ESTA GATA, QUE É A PERSONIFICAÇÃO DO DESEJO. TEM TUDO NA PROPORÇÃO EXATA: SEIOS, COXAS, BOCA... MENOS O TESÃO, QUE EXTRAVASSA QUALQUER MEDIDA, ENLOUQUECENDO SEU CORPO SEDUTOR